



NEOLOGIA E INTERNET: UM ESTUDO SOBRE A INTERFERÊNCIA DO INTERNETÊS NA ESCRITA FORMAL DE UMA ADOLESCENTE

NEOLOGY AND INTERNET: A STUDY ABOUT THE INTERFERENCE OF INTERNET SLANGS ON DE FORMAL WRITING OF A TEENAGER

- **KIPPER, Daiany.** (IFMT – Instituto Federal do Mato Grosso - daiany.kipper@bag.ifmt.edu.br)
 - **SILVA, Cátia Grasiela da.** (FURG – Fundação Universidade Federal do Rio Grande - catia.grasi@yahoo.com.br)

Resumo:

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de análise interpretativa, sobre como a internet tem contribuído para que haja uma grande inserção de neologismos em nossa língua. O objetivo geral é compreender se o uso da linguagem online e da escrita informal no bate-papo do Facebook interfere na produção escrita formal de uma adolescente estudante do ensino médio. Para tal, fizemos um estudo, observando fragmentos de uma conversa online e posteriormente da produção textual solicitada e cedida por uma adolescente e estudante do Ensino Médio. Procuramos verificar a inserção de neologismos e da linguagem informal utilizados na internet se evidenciam no texto formal. Além dos neologismos, discute-se o internetês, a adequação linguística, questões de som e imagem, letramento digital e gêneros emergentes do meio digital. Verificamos que o sujeito da pesquisa estabelece um parâmetro de adequação em sua linguagem, utilizando uma linguagem despreocupada do ponto de vista gramatical e neologismos em uma situação informal, mas abstendo-se deles na situação formal de escrita proposta. O resultado inicial desse estudo aponta para uma grande inserção de neologismos em nossa língua, quando a adolescente utiliza a rede social, mas de pouca influência desse conhecimento informal na sua escrita formal, evidenciada na produção textual.

Palavras-chave: neologismos; gêneros; linguagem; adequação linguística.

Abstract:

This work is characterized as a qualitative research, interpretative analysis on how the internet has contributed to that there is a great inclusion of neologisms in our language. The overall goal is to understand the use of online language and informal writing on Facebook chat interfere in formal writing production of a teenage high school student. To this end, we did a study looking at fragments of an online conversation and then the text production requested and courtesy of a teenager and high school student. We seek to verify the inclusion of neologisms and informal language used on the Internet are evident in the formal text. In addition to neologisms, we discuss the internetês, linguistic adaptation, sound issues and, digital literacy and emerging genres of digital media. We found that the research subject establishes an adaptation parameter in your language, using a carefree language from a grammatical point of view and neologisms in an informal situation, but eschewing them in formal situation written proposal. The initial





results of this study points to a large insertion of neologisms in our language, when the teen uses the social network, but of little influence of informal knowledge in formal writing, evident in the textual production.

Keywords: neologisms; genres; language; linguistic adaptation

1. Aspectos iniciais

Nosso idioma tem um vasto campo de estudo sobre o qual podemos discorrer. Nossa língua possui variedades linguísticas e novas palavras surgem a todo o momento, principalmente entre os adolescentes, que estão sempre inventando novas formas de falar e escrever. São muitos os processos neológicos que a internet traz para a nossa linguagem, tanto no meio técnico quanto nas palavras criadas em bate-papos e outros gêneros discursivos nela presentes.

Daí, a justificativa e relevância deste estudo que tem como objetivo geral compreender se o uso da linguagem online e da escrita informal do bate-papo do *Facebook* interfere na escrita formal de uma produção textual de uma adolescente estudante do ensino médio. E, para melhor entender esse processo, os objetivos específicos desta pesquisa são: analisar como se constitui a escrita da estudante em redes sociais e na escrita formal de um texto solicitado por professora de língua portuguesa; identificar traços de neologia nos textos informais e verificar como se dá a escrita formal de um texto do sujeito da pesquisa.

Com este trabalho, procuramos identificar se a neologia está presente na linguagem dos usuários do programa para conversas *online* da rede social *Facebook*. Para isso, foi realizado um estudo sobre essas criações neológicas e, para entender o universo em que elas se inserem, discorreremos sobre o *internetês*, que é a linguagem própria da internet. Além disso, apresenta-se um estudo sobre o letramento na *web* e suas possíveis influências nas redações escolares, além de tratar-se sobre os gêneros do meio digital e, por fim, sobre a adequação linguística no meio formal ou informal, a fim de situar o bate-papo nesse contexto.

Para embasar teoricamente a pesquisa, são apresentadas noções de um estudo das teorias de linguistas, gramáticos e filósofos da linguagem, como Abaurre (2006), Alves (2007), Bagno (2002), Bakhtin (2005), Bisognin (2009), Marcuschi (1997/2002/2004), entre outros.

2. Neologia e internet

Assim como as sociedades, a linguagem também passa por transformações continuamente. Cada nova geração traz consigo novas gírias, termos e formas de falar, ler e interpretar as palavras do mundo ao seu redor. Isso é perceptível claramente quando duas pessoas de diferentes idades conversam. As gírias e até mesmo palavras cotidianas recentes e antigas podem não ser entendidas por alguma das partes. Nossos avós não tinham meios de comunicação tão eficientes e rápidos como os que temos no presente e as mudanças da língua, hoje, são muito mais perceptíveis do que há anos atrás, quando o telégrafo era o meio de comunicação mais rápido.





A tecnologia vem revolucionando tudo a nossa volta, inclusive as línguas. Precisamos encontrar meios de nos comunicar tão eficientes quanto os programas usados para essa função. E a *internet* tornou-se uma das principais ferramentas de comunicação usada em nossos tempos. Temos uma infinidade de novas palavras – os neologismos – que surgem, seja através da linguagem técnica usada nesse meio, seja através de bate-papos online entre duas ou mais pessoas. Como afirma Galli:

O avanço da tecnologia permitiu a ampliação e a padronização do léxico, em área de especialidade, de forma a atender a necessidades em situação de uso; uma questão social e histórica. Nesse universo, a *Internet* tem se tornado um dos meios de difusão de mensagens mais acessíveis e, desse modo, sua linguagem também se propagou e se tornou globalizada. (GALLI, 2004, p.120).

A internet tem contribuindo para o desenvolvimento de muitas áreas e mais, através dela, muitos adolescentes encontram meios de melhorar seu conhecimento escolar ou interagir com colegas. Assim como na língua falada surgem gírias entre esses adolescentes, na linguagem da internet isso também acontece. Nela, utiliza-se uma linguagem própria, com termos típicos de cada faixa etária ou de cada área de conhecimento.

2.1 Os neologismos

Os neologismos criados na internet facilitam a conversação nas salas de bate-papo ou nos programas de conversa fechados. Esse novo modo de escrever, juntamente com o que chamamos de “*internetês*”, faz com que a conversa teclada fique tão rápida que se aproxime de uma conversa “ao vivo”.

Temos ainda, o que vários autores chamam de hipertexto, que é uma junção de som, imagem e escrita. Mas ainda sobre o processo de criação neológica, Alves afirma que:

Ao processo de criação lexical dá-se o nome de *neologia*. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado *neologismo*. O neologismo pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas linguísticos. Na língua portuguesa os dois recursos têm sido amplamente empregados, diacrônica e sincronicamente. (ALVES, 2007, p.5).

Com certeza, um dos maiores difusores dos neologismos hoje é a mídia, pois a cada dia aparecem novas criações lexicais em jornais, revistas e hoje, principalmente, nos bate-papos online da internet, como afirma Alves: “é através dos meios de comunicação de massa e de obras literárias que os neologismos recém-criados têm oportunidade de serem conhecidos e, eventualmente, de serem difundidos” (ALVES, 2007, p. 6).

Muitas das novas criações lexicais do português brasileiro são oriundas do latim e, mais especificamente, do inglês, principalmente por causa dos domínios técnicos e científicos. Muitas palavras da área da informática, principalmente, são oriundas do inglês e posteriormente adaptadas para o português, como por exemplo: deletar, enter. Nesse contexto, Soares afirma que, “na língua sempre aparecem palavras novas quando fenômenos novos ocorrem, quando uma nova ideia, um novo fato, um novo objeto surge, são inventados, e então é necessário ter um nome para aquilo” (SOARES, 2003, p.34).





Assim, percebemos que para todo esse novo aparato tecnológico que vem surgindo, são necessárias novas palavras que denominem aquilo que foi inventado. Nesse contexto, Galli aponta:

[...] que toda criação lexical passa por duas fases. A primeira refere-se ao aparecimento do neologismo num determinado quadro enunciativo; a segunda acontece na ocasião em que ele é apreendido, aceito e registrado pelos falantes do grupo social. Ao passar da primeira fase para a segunda, o neologismo deixa de pertencer ao campo da fala e passa a referir-se à classe do neologismo de língua. A partir de sua verdadeira aceitação, a unidade deixa seu caráter neológico e une-se às demais unidades lexicais. Contudo, só é considerada definitiva ao ser dicionarizada, deixando de ser um neologismo, passando a ser vocábulo de uso da língua (GALLI, 2003, p. 34).

A neologia tem diferentes modos de classificação. Alves (2007) classifica os neologismos em quatro principais: fonológicos, sintáticos, semânticos e os neologismos por empréstimo. Resumidamente, inserimos uma explicação para a compreensão dos mesmos, conforme a bibliografia citada.

Os neologismos fonológicos consistem na criação de um item léxico totalmente novo, inédito, criado sem nenhuma palavra já existente. Dentro desse processo de formação de palavras, Alves cita a criação onomatopaica, que consiste em criar palavras advindas dos sons da nossa fala, identificando essa especialmente nas histórias em quadrinhos. Podemos afirmar que nas conversas *on-line*, essas criações são também muito úteis para expressar os sentimentos naquele momento do diálogo, quando rimos, ou quando nos surpreendemos com algum comentário.

Outros recursos fonológicos citados são quando a unidade léxica substancial recebe transformações no nível do significante como em *tchurma* (<turma), ou como uma relação analógica em *bebemorar*, ou ainda a transformação apenas gráfica no significante, como em *xou* (<show).

Os neologismos sintáticos são uma combinação de elementos já existentes em nosso sistema linguístico e a combinação de seus membros constituintes não está circunscrita exclusivamente ao âmbito lexical, mas concerne também ao nível frásico e podem ser classificados em: derivados, compostos, compostos sintagmáticos e compostos formados por siglas ou acrônimos. Alguns exemplos seriam as palavras: *grandeza*, *pequenez*, *estrangeirismo*, *produção independente*, *petista* (do PT), etc.

Os neologismos semânticos constituem-se de mudanças em *semas* já existentes em nosso léxico, mas que através de processos estilísticos como a metáfora, a metonímia, a sinédoque, vários outros significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformados em novos itens lexicais.

Por fim, os neologismos por empréstimo, advindos principalmente de palavras estrangeiras, divididos em estrangeirismos ou neologismos por empréstimo. O estrangeirismo consiste em criações neológicas advindas principalmente do inglês.

A autora cita ainda que há mais quatro processos de neologismos que são menos produtivos que os já citados, mas que também contribuem para o léxico do português, que são: a truncção, a palavra-valise, reduplicação e a derivação regressiva.

2.2 O que dizem gramáticos e linguistas sobre o que são neologismos





Há muitos anos a gramática tradicional vem sendo usada no âmbito educacional como o melhor meio de ensinarmos português para os alunos. Por causa dela, durante muitos anos se ignorou completamente as marcas ou variações linguísticas dos alunos, doutrinando-os a pensar que falar e escrever corretamente só se faz através da norma padrão da língua. Como afirmam Faraco e Moura:

A língua falada, que apresenta grosso modo uma gramática diversa, não foi ignorada; fornecemos exemplificação e comentários sempre que ocorram divergências marcantes entre o emprego coloquial e o registro-padrão. Abre-se dessa forma, mais um caminho para a reflexão do aluno. (...) Por se tratar de uma gramática normativa, privilegia-se a variedade-padrão formal da língua escrita. No entanto, na descrição dos fatos gramaticais, apresentamos ocorrências de diferentes níveis de linguagem, não as considerando como deformações – em relação à norma culta – nem as enquadrando nas rígidas conotações de ‘certo’ ou ‘errado’. Tratamos antes de trabalhar com os conceitos de ‘adequação’ ou ‘inadequação’ dos níveis a determinados contextos (FARACO e MOURA, 2000, p. 03).

O que se percebe é que esses autores, através dessas afirmações, aceitam manter o nível da fala dentro de seu contexto, ou seja, em uma conversa coloquial ou rotineira, entre pessoas que se conhecem, de forma informal. Já em uma reunião de negócios ou em uma sala de aula pelo professor, a linguagem deve ser mais formal.

A linguagem falada é uma das principais formas de criação neológica, pois muitas vezes criam-se palavras e as mesmas caem no uso popular. Abaurre, em *Gramática: texto: análise e construção de sentido* traz uma gramática voltada à construção de sentidos e traz inúmeros gêneros textuais para análise e compreensão dos conteúdos estudados pelos alunos. Nessa obra há textos publicitários, piadas e charges voltadas para exemplificar a oralidade e a linguagem informal e que podem tornar o estudo dos gêneros e dos próprios conteúdos, mais interessantes. Abaurre afirma que:

A **linguagem** é uma atividade humana que, nas representações de mundo que constrói, revela aspectos históricos, sociais e culturais. É por meio da linguagem que o ser humano organiza e dá forma às suas experiências. Seu uso ocorre na interação social e pressupõe a existência de interlocutores” (ABAURRE, 2007, p. 3).

A linguagem se dá através de signos linguísticos como os sinais de trânsito, placas, cores nos semáforos, etc. Através disso, podemos perceber que tudo que nos rodeia é linguagem. Quanto aos neologismos, Abaurre coloca-nos que:

A palavra neologismo é formada pelos radicais gregos *néos*, que significa ‘novo, ou moderno’, e *logos*, ‘palavra, tratado’. Significa, portanto, *palavra nova*. [...] Todas as línguas recorrem à criação de neologismos para atender às necessidades de expressão de seus falantes em contextos específicos. A criação constante de neologismos é a prova de que os usuários da língua têm conhecimento intuitivo dos elementos mórficos que entram na constituição de palavras. (ABAURRE, 2007, p. 138)





Como exemplo para esse trecho, a autora cita um texto onde aparece a palavra *micreiro* em que o jornalista que criou a palavra, usou o sufixo *micro* de microcomputador e o sufixo *-eiro*, indicativo de pessoa que exerce uma atividade específica, com em *padeiro*, *jornaleiro*, e criou a palavra que funciona como indicativo de pessoa que trabalha ou faz uso do microcomputador, ou seja, o *micreiro*.

Assim, percebemos que os processos de criação neológica são geralmente advindos de palavras já existentes da língua e tem algum prefixo, sufixo ou algum tipo de justaposição para criarmos as novas. Ou ainda, que usamos palavras estrangeiras, os chamados empréstimos linguísticos, para criarmos palavras adaptadas ao nosso léxico.

3. O *Internetês* e seus usos diversos

A nova escrita na *web*, chamada de *internetês*, vem trazendo muitas polêmicas acerca da escrita “errada” usada nesse tipo de conversação, ou seja, uma escrita desvinculada da norma culta. Já quem usa efetivamente o *internetês* percebe e defende a ideia de ser esta uma ferramenta útil, tornando as conversas na *internet* mais rápidas, fluidas.

Nesse sentido, os autores referem ainda que o *internetês* seja uma forma diferente de grafar o português, ou ainda, uma nova variedade escrita da língua portuguesa, própria dos gêneros de universo digital, mas que isso não irá necessariamente “atrapalhar” na forma de escrevermos na norma culta. Esse gênero é considerado emergente e está sendo cada vez mais incorporado ao cotidiano dos internautas.

Bakhtin afirma: “enquanto uma forma linguística for apenas um sinal e for percebida pelo receptor somente como tal, ela não terá para ele nenhum valor linguístico” BAKHTIN (1981, p.94), ou seja, quando um neologismo é criado, se for entendido, pode vir a ser popularizado e dicionarizado. Por outro lado, se não houver entendimento sobre ele, será esquecido.

Se acontecer alguma transferência do *internetês* para a vida escolar, os próprios alunos percebem, na maioria das vezes. Assim, percebemos que mais do que os pais e professores, os próprios alunos tem consciência de que são ambientes diferentes e na escola a escrita deve ser formal e cuidadosa. Como afirma Bisognin (2009):

A língua é dinâmica, modifica-se, contém variedades linguísticas e é um instrumento de poder, um nível ideal de padrão que deve ser alcançado, por isso, também, deve ser estudada. “Então não é brigando com o internetês, nem o negando – afinal, ele veio e vai ficar na cibercultura – que estaremos ensinando, estudando ou aprendendo português” (BISOGNIN, 2009, p.144, grifos do autor).

E mais, os professores devem, nesse sentido, ao conceituar os gêneros textuais para seus alunos, incorporar o *internetês* como um gênero emergente do universo virtual, da internet, e mostrar que o mesmo deve ser usado somente nesse contexto.

Para Soares, o letramento é “estado ou condição de quem *não só* sabe ler e escrever, MAS exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vivem, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral”. (SOARES, citado por BAGNO, 2002, grifos da autora). O que debate-se atualmente é um conceito de letramento informatizado, o Letramento Digital, uma vez que o computador tornou-se uma ferramenta





usada para a leitura, escrita e uso de hipertextos. O letramento digital é fundamental para os usuários da internet. Bagno, Stubbs e Gagné afirmam que o letramento digital é importante por que:

Uma vez que a tela do computador se tornou um novo portador de textos (e hipertextos) suscitando novos gêneros, novos comportamentos sociais referentes às práticas de uso da linguagem oral e escrita, e cobrando de nós novas teorizações e novos modelos de interpretação dos fenômenos da linguagem (BAGNO, STUBBS E GAGNÉ, 2002, p.17).

O uso de abreviações na conversas do *Facebook* e as trocas de letras com mesmo som fazem pais e professores ficarem “aterrorizados” com essa nova forma de escrever. Contudo, o estudo desse trabalho aponta que uma reflexão mais profunda acerca do assunto é capaz de tranquilizar àqueles defensores da norma culta da língua, pois, como lembra Snyder:

Desde os primeiros dias da televisão, houve preocupação sobre os efeitos da TV nas crianças, na educação, no letramento e na cultura, bem como recomendações feitas para o controle de seu conteúdo e para supervisão rigorosa. Cada tecnologia sucessiva tem sido vista como tendo influência negativa nas crianças – por sancionar valores inapropriados e por representar experiências assustadoras e violentas. (SNYDER, 2009, p.31).

E mais, que tudo aquilo que a criança aprende a fazer no computador faz parte de seu letramento digital. Para Lobo - Sousa, Araújo e Pinheiro (2009) esse termo, *letramento digital*: “surge com a inserção das tecnologias de informação e comunicação para designar as práticas de leitura e escrita por elas demandadas (...) deixando implícito que quem consegue digitar ou ler um texto produzido num processador de texto, como o Word, é letrado digital” (LOBO-SOUSA, ARAÚJO e PINHEIRO, 2009, p. 117). Para os próprios autores, essa é uma definição restrita.

Ainda, uma definição sobre o Letramento Digital:

[...] é o conjunto de conhecimentos que permite às pessoas participarem nas práticas letradas mediadas por computadores e outros dispositivos eletrônicos no mundo contemporâneo. Em geral as pessoas pensam no letramento digital como conhecimento “técnico”, relacionado ao uso de teclados, interfaces gráficas e programas de computador. Porém, o letramento digital é mais abrangente do que isso. Ele inclui a habilidade para construir sentido a partir de textos que mesclam palavras, elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície [...] (BUZATO, 2003, p. 77-91).

Então, para nos tornarmos letrados digitais, de que precisamos? Muito mais do que saber ler e escrever, precisamos saber diferenciar códigos verbais e não-verbais. Assim afirma Xavier, ser letrado digital “pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela –, também digital” (XAVIER, 2005, p. 135), ou seja, temos que também saber interpretar as imagens, os emoticons (imagens usadas para expressar sentimentos)





recebidos, os chamados *winks*, que são *emoticons* animados, enfim, saber interpretar todas as ferramentas disponíveis e utilizadas.

3.1. Adequação Linguística

Como educadores, principalmente de Língua Portuguesa, percebemos que os estudantes frequentemente escrevem como falam, não levando em consideração a situação formal de escrita, ou seja, fazendo transferência da fala para a escrita. Contudo, muitos alunos fazem essa adequação, e tornam-se políglotas de sua língua materna.

Assim, podemos perceber que um dos papéis do professor é o de ajudar os alunos a fazerem as adequações quando necessárias, fazendo-os entender que na língua nada é considerado erro quando conseguimos nos fazer entender, de acordo com Bagno, já citado nesse estudo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais também defendem esse entendimento, conforme segue:

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p. 31-32).

Para Marcuschi, o professor deve despertar o aluno para a “diferença” existente entre textos formais e linguagem informal, mostrar os diferentes estilos de manifestações linguísticas, pois afinal, o objetivo de tudo isso é comunicar-se e, por que não, fazê-lo de forma com que o aluno entenda a linguagem através de seus contextos.

Assim, o professor, sendo um mediador do processo de adequação, seria o que proporcionaria um enriquecimento vocabular às camadas muitas vezes desprestigiadas, levando crianças e adolescentes a melhorarem seu vocabulário. Percebemos essa necessidade principalmente direcionada aos alunos de ensino médio que logo estarão em busca de emprego, no qual, um vocabulário mais formal se torna diferencial em uma entrevista de trabalho, por exemplo, ou nas mais diversas situações de vida.

4. Aspectos metodológicos

4.1. Caracterização da pesquisa, dos instrumentos de coleta e análise de dados

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de análise interpretativa, havendo “um compromisso com a **interpretação** das ações sociais e com o significado que as pessoas conferem a essas ações na vida social” (ERICKSON, 1990 *apud* BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34, grifo da autora). Sob o paradigma interpretativista, o pesquisador analisa e compreende os fatos a partir de seu olhar, de seus conhecimentos e de suas vivências, posto que participa da sociedade em que o fenômeno que observa se constitui.

Para a coleta de dados deste estudo, utilizamos dois instrumentos: trechos de conversas *online* cedidas pelo sujeito da pesquisa e um texto solicitado ao mesmo sujeito em linguagem formal. Para realizar a análise, com foco em nossos objetivos, observamos, no bate-papo da rede social, o uso de neologismos na sua escrita *online*. Já no texto solicitado, ponderamos se o sujeito da pesquisa é capaz de escrevê-la na norma padrão da língua, ou se





insere esses neologismos no texto. Finalmente, comparamos os textos das duas situações comunicativas alvo, refletindo sobre as questões dos neologismos e da adequação linguística.

4.2. Aspectos éticos

A autorização, tanto para o uso do texto escrito quanto para o uso das conversas informais da adolescente cujas produções foram analisadas, foi concedida através de entrevista, não reproduzida nesse artigo por conter informações pessoais das autoras deste trabalho.

5. Análise de dados

5.1. Do bate-papo na rede social: imagem cedida por "aluna 1"



Através desta conversa cedida pelo sujeito da pesquisa, com um(a) colega, pode-se perceber que a adolescente usa alguns neologismos. Certamente, para usuários habituais dos bate-papos e da internet, não há estranhamento no uso dessas palavras. São capazes de ler, entender e (re) produzir termos, enunciados.

Observando os processos de formação e produção de sentido dos mesmos, temos ocorrências neológicas que foram conceituadas e classificadas, de acordo com Alves e interpretadas conforme segue:

- Neologismos fonológicos onomatopeicos, que são a reprodução de sons, nas ocorrências "uahuhahuahua" e "ahahaha";





- Neologismos fonológicos nas palavras “viajooooou”, “obaaa” e “meeeu”, representando um espanto exagerado dos interlocutores;
- Utilização dos termos “ok”, classificado com um neologismo por empréstimo, advindo da língua estrangeira e que pode ser interpretado como um “tudo certo”, numa linguagem mais formal;
- Utilização de “p”, sendo este uma abreviação da preposição “para”;
- Neologismos semânticos nas contrações “hz” (cidade de Horizontina- RS), “ic” (Interact Clube) e “tm” (cidade de Três de Maio- RS).

Nesses trechos percebemos e evidenciamos um dos objetivos deste estudo, que é o de verificar a presença desses elementos neológicos numa situação informal de escrita. A “aluna 1” faz uso de variados neologismos, utiliza o princípio de economia linguística, expressa emoções, sentimentos e o riso, enfim, produz uma linguagem informal, num contexto informal e essa é uma forma evidente de adequação linguística, de acordo com os estudos realizados.

Esses usos, além das ocorrências neológicas, pressupõem que a “aluna 1” é letrada digitalmente, uma vez que, conforme Xavier (2005), ela compreende e utiliza diferentes códigos, afora a escrita. Notamos também a fluência e adequação do sujeito da pesquisa nessa prática comunicativa; já que, segundo Marcuschi (2008), é preciso entender a situação sociocultural em que o texto é produzido. “Aluna 1” parece entender que a conversa via *Facebook* se dá a partir de diferentes recursos e usos da linguagem e ela recorre, compreende e utiliza os mesmos.

5.2. Da produção textual: texto produzido e cedido por “aluna 1”

A linguagem no seu devido lugar

O mundo está cada vez se desenvolvendo mais, tantas tecnologias chegando que começamos a esquecer de outras coisas que a vida nos oferece. Hoje em dia, quem não tem uma conta em pelo menos uma rede social é deixado para trás.

O Facebook está aí para as pessoas manter contato mesmo longe e ficar por dentro de tudo o que acontece. No chat as pessoas conversam por horas e horas e muitas vezes abandonam as regras da língua portuguesa. Com tanta empolgação, as pessoas diminuem as palavras na hora de conversar por contato virtual, falam gírias e até mesmo trocam certas letras apenas por modinha.

Até aí tudo bem, pois é algo informal, o problema é quando na hora de fazer uma redação para a escola, por exemplo, muitos acabam nem percebendo e escrevendo como se estivessem na tal rede social. Muitas pessoas até mesmo tem o costume de escrever todas as palavras com letra maiúscula, e sabemos que não é assim o correto, o ENEM, está chegando e muitas pessoas não estão nem treinando para a redação, e ai depois não podem reclamar de terem tirado uma nota ruim.





Se as pessoas conseguissem separar os momentos, e saber em quais horas poderiam usar gírias e diminuir as palavras, não haveria problema algum, pois assim não iria atrapalhar na hora de algo mais formal. As pessoas precisam entender que a vida não gira em torno de redes sociais e precisa-se seguir as regras do português.

No texto produzido pela aluna pode-se perceber que esta possui conhecimentos sobre a estrutura textual, articulando as ideias e os parágrafos com eficiência. O texto apresenta coesão e coerência, além da ausência de erros ortográficos. Pode-se afirmar que sua escrita foi eficiente e satisfatória, ocorrendo adequação na maior parte da escrita, principalmente na concordância verbal, como nas frases “para as pessoas manter contato mesmo longe”, “quem não tem uma conta em pelo menos uma rede social é deixado para trás”. Há também o uso de alguns elementos da oralidade, como no uso das expressões “aí”, “na tal”, e “e aí”.

A análise desses excertos demonstra, tal como já notamos na análise das conversas do bate-papo, que “aluna 1” conhece os processos de adequação linguística, uma vez que utiliza no texto formal uma norma mais aproximada da língua padrão, relacionada com o tipo de texto que lhe foi solicitado e, conseqüentemente, entendendo questões contextuais (MARCUSCHI, 2008). Tais dados são relevantes à medida que pretendíamos verificar, justamente, se a escrita da internet prejudica ou se insere na escrita formal, um dos objetivos desse trabalho.

O conteúdo informativo do texto também é um dado relevante, posto que “aluna 1” não só apresenta um vocabulário adequado para a situação comunicativa, mas também denota uma opinião marcante em relação à temática abordada.

5.3. Interligando as análises

Pode-se citar o *internetês* desta aluna como um exemplo de adequação linguística: na linguagem informal ela aproveita-se do conhecimento de linguagem que possui, pois sabe ser próprio deste ambiente. No texto escrito, ela produz parágrafos com adequação, concordância verbal e nominal e a clara expressão de preocupação com a linguagem.

Apesar de em algumas partes de seu texto o modo de falar ficar evidente, ela soube escrever no português considerado “certo”, utilizando a linguagem padrão, diferente de suas conversas na rede social, nas quais utiliza abreviações e onomatopeias. Ainda sobre seu texto escrito, percebemos, através do seu discurso, seu posicionamento e conhecimento sobre essas diferenças de situação comunicativa.

E mais, que os outros interlocutores das conversas online são capazes de decifrar os sinais utilizados, as abreviações, entre outros, transformando-os em códigos com valor linguístico, como afirma Bakhtin (1981). Sem isso, não chegariam ao objetivo final das interações sociais, que é o de comunicar-se.

Finalmente, concordamos com o posicionamento de Bisognin (2009), que se refere à dinamicidade da língua como instrumento de poder e da importância de ensinar e aprender a norma culta, defendida por todos: professores, alunos e do próprio sujeito dessa pesquisa. Isso é percebível nas ideias que defende, mas especialmente através de sua escrita, que foi parcialmente analisada aqui.





6. Considerações finais

Com o estudo realizado, pode-se perceber e responder à problemática que norteou nossas indagações desde o início, que era saber se a adolescente fazia transferências da linguagem da *internet* para a linguagem formal, através da sua redação. Naturalmente, esse é um resultado inicial e em que foram considerados aspectos contextuais para se chegar a essa conclusão, também inicial, uma vez que a interferência ou não entre diferentes situações de comunicação dependem de outros aspectos como: quem produz o texto, quem é o interlocutor, qual a finalidade da situação comunicativa, entre outros.

Assim, consideramos *o internetês* como mais uma forma de variação linguística que deve ser valorizada, e não tratada com preconceito, através de nossos discursos, por exemplo. Se entendemos que a língua é dinâmica e possível de ser continuamente recriada, então tratemos os neologismos de forma mais natural: deixando-os livres, criando novas formas de dizer o mundo a nosso redor, também em constantes mudanças e transformações.

Aprendemos através do ensino da Língua Portuguesa, e através de leituras, que o preconceito linguístico é tão grave como o preconceito racial, ou o de gênero. E mais, como professores que somos, detemos um posicionamento de poder diante do aluno. Utilizar-se dessa posição para praticar um ato de preconceito, é no mínimo covarde, e certamente devastador.

Portanto, acreditamos ter cumprido com nossos objetivos iniciais, uma vez que entendemos ser possível haver interferência de neologismos advindos do *internetês* nas produções formais. Também por isso acreditamos no posicionamento do professor mediador, que leva seu aluno a concluir qual é a melhor variedade linguística a utilizar na situação comunicativa em que se encontra. E mais, naquele professor que aceita essas variações, prestigia todas as formas de linguagem e traz para a sala de aula exemplos de linguagem que irão preparar o seu aluno para as diversas situações comunicativas.

Finalmente, como pesquisadoras e professoras de língua portuguesa, reconhecemos que um estudo de análise interpretativa trata apenas de um olhar sobre esse assunto, e que este é um artigo que apresenta apenas os resultados parciais desse estudo para o qual ainda há muitos pontos a serem considerados.

7. Referências bibliográficas

ABAURRE, Maria Luiza M. **Gramática: texto: análise e construção de sentido**. Volume Único. São Paulo: Moderna, 2006.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: Criação lexical**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola editorial, 2002.





BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.
Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 133-141.

BISOGNIN, Tadeu Rossato. **Sem medo do Internetês**. Porto Alegre: AGE, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BUZATO, Marcelo. **Letramento Digital e conhecimento**. Disponível em:
http://educarede.org.br/educa/index.cfm?pg=internet_e_cia.informatica_principal&id_inf_escola=14. Acesso em 25/11/2009.

DIEB, Messias & AVELINO, Flávio C. B. “**Escrevo abreviado porque é muito mais rápido**”: o adolescente, o internetês e o letramento digital. In: ARAÚJO, Júlio César; DIEB, Messias (Orgs.). *Letramentos na Web: Gêneros, Interação e Ensino*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 265-281.

FARACO & MOURA. **Gramática**. 19ª ed. 2ª impressão. São Paulo: Ática, 2000.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. **Linguagem da Internet: um meio de comunicação global**. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 120-134.
http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&edition=13593§ion=cap_a_offline Acesso: 25/11/2009

LOBO-SOUSA, Ana Cristina; ARAÚJO, Júlio César; PINHEIRO, Regina Cláudia. **Letramentos que emergem da hipertextualidade**. In: ARAÚJO, Júlio César; DIEB, Messias (Orgs.). *Letramentos na Web: Gêneros, Interação e Ensino*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 111-122.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: Dionísio, A. P. et al. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 13-67.

_____. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)*. Brasília: MEC, 2000.

SNYDER, Ilana. **Ame-os ou deixo-os: navegando no panorama de letramentos em tempos digitais**. In: ARAÚJO, Júlio César; DIEB, Messias (Orgs.). *Letramentos na Web: Gêneros, Interação e Ensino*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 23-46.





SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TFOUNI, Leda V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000 [1995].

XAVIER, Antonio Carlos. **Letramento digital e ensino**. In SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Orgs.). **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**.

